



O REINO DO SUL (JUDÁ)

INTRODUÇÃO

O Reino do Sul, conhecido como Reino de Judá, possuía um território mais compacto e homogêneo que o do Norte. Jerusalém, conquistada por Davi e estabelecida como capital política e religiosa (cf. 2Sm 5,6-9), dava ao reino um centro unificador muito mais sólido que qualquer cidade do Reino de Israel.

Contudo, ao morrer Salomão, Judá já havia perdido a adesão das tribos do Norte, sobretudo Efraim, ficando restrito às tribos de Judá e Benjamim, esta última frequentemente em tensão com Israel. Embora mais protegido geograficamente, Judá enfrentou conflitos sucessivos e, por diversas vezes, teve de entregar o tesouro do Templo para pagar tributos aos invasores. Um dos primeiros episódios desse tipo ocorreu com a invasão egípcia do faraó Sesac por volta de 925 a.C., quando Roboão entregou ao Egito os tesouros do Templo e do palácio (cf. 1Rs 14,25-26).

1. CRISES, TENSÕES E ESTABILIDADE

Assim como Israel, também o Reino de Judá conheceu golpes de Estado, crises dinásticas e forte influência de alianças externas. No entanto, em geral, a casa de Davi conseguiu preservar a sucessão ao longo dos séculos X e IX a.C. A maior vulnerabilidade política do reino ocorreu durante o reinado de Acaz, quando a coalizão siro-efraimita (Síria e Reino do Norte) o pressionou para resistir aos assírios. Em vez disso, Acaz buscou auxílio na potência emergente, Assíria, tornando Judá vassalo de Teglath-Falasar III (cf. 2Rs 16,7-9). Os profetas, sobretudo Isaías, denunciaram essa escolha como um erro fatal, pois abria a porta para um domínio estrangeiro que comprometeria a autonomia do reino e corroeria sua estrutura religiosa.

Depois desse período turbulento, Judá viveu cerca de oitenta anos de relativa estabilidade sob os reis Ezequias (716–687 a.C.) e Manassés (687–642 a.C.), ambos vassalos da Assíria. Durante este tempo houve forte crescimento demográfico e expansão urbana, sobretudo porque grupos do Norte, fugindo da destruição assíria, buscaram refúgio em Jerusalém. A capital passou, em menos de um século, de uma cidade de cerca de mil habitantes para uma metrópole regional com quinze mil residentes. O reino conheceu também revitalização cultural e maior centralidade litúrgica em Jerusalém, o que reforçou a consciência identitária de Judá em relação ao Norte.

Entre os reis de Judá, destaca-se de modo especial Josias (640–609 a.C.), frequentemente considerado o último grande monarca davídico. Seu reinado foi marcado pela chamada “reforma josiânica”, desencadeada pela descoberta de um “livro da Lei” durante obras no Templo (cf. 2Rs 22,8). A redescoberta impulsionou um programa de renovação religiosa, centralização do culto e purificação das práticas idolátricas. O Deuteronômio, ao que tudo indica, tornou-se a alma dessa reforma, articulando política e teologia de modo inseparável. Sob Josias, o javismo alcançou novo vigor, e Judá retomou, por breve período, algo da força espiritual dos tempos de Davi e Salomão.

O javismo, em Judá, sempre foi mais sólido do que no Reino do Norte. Isso se explicava por vários fatores: a posição marginal de Judá, menos exposto a influências estrangeiras; a centralidade absoluta de

Jerusalém como único centro cultural legítimo; e a tradição meridional da teofania de YHWH, ligada ao Sinai, ao deserto e às regiões madianitas (cf. Ex 3; Ex 19). Contudo, essa solidez não eliminou completamente o sincretismo. Até mesmo a corte real vivia momentos de sincretismo abominável: Acáz, por exemplo, “chegou a sacrificar seu filho no fogo, segundo os costumes abomináveis das nações que o Senhor tinha expulsado de diante dos israelitas” (2Rs 16,3). Por isso os textos bíblicos frequentemente falam de combate a lugares altos, postes sagrados (asherás), estelas pagãs (massebot) e até objetos cultuais antigos, como a serpente de bronze atribuída a Moisés (cf. 2Rs 18,4). Os profetas do Sul, Isaías, Miqueias, Oseias e outros, denunciaram energicamente a idolatria e conclamaram o povo à purificação da fé.

⇒ 2Rs 16,3: “chegou a sacrificar seu filho no fogo”. *“Que tragédia sangrante ou que tipo de iniquidade ofuscou esses assassinos? Eles sacrificaram seus filhos e filhas aos demônios, desprezaram a natureza, esqueceram as dores do parto, negligenciaram o cuidado que deveriam ter tido com seus filhos, pisotearam as leis da consanguinidade até os alicerces, tornaram-se mais desumanos do que os animais.”*

João Crisóstomo, *Contra os judeus*, 1,6

Politicamente, Judá alternou períodos de autonomia relativa e fases de forte dependência. Tornou-se vassalo da Assíria depois do reinado de Acáz; mais tarde ficou sob influência do Egito; e, finalmente, caiu sob domínio da Babilônia, que se tornou a nova potência dominante após a queda de Nínive em 612 a.C. O rei Joaquim (609–597 a.C.) submeteu-se inicialmente ao poder babilônico, mas após três anos tentou romper a vassalagem (cf. 2Rs 24,1). A resposta babilônica foi rápida: em 598 a.C., Nabucodonosor cercou Jerusalém e deportou o rei, a nobreza, sacerdotes, militares e artesãos, cerca de 18 mil pessoas somadas (cf. 2Rs 24,13-16). Entre os deportados estava o profeta Ezequiel (cf. Ez 1,1-3) que ali exercitou grande atividade profética. Ao contrário da deportação assíria, que espalhou as tribos do Norte, a deportação babilônica manteve os exilados juntos, em colônias, o que preservou a memória religiosa e cultural de Judá.

⇒ *“A Ezequiel e a Daniel, que se encontravam na Babilônia, nas margens dos seus rios, foram mostrados sobre as águas, naquelas águas cheias de pureza, os sacramentos do futuro, para que se revelasse o poder do batismo”.*

Jerônimo, Comentário a Ezequiel, 1,1,3

No lugar de Joaquim, Nabucodonosor colocou Sedecias (597–587 a.C.), último rei de Judá. Fraco politicamente e indeciso espiritualmente, Sedecias cedeu à tentação de romper com a Babilônia, influenciado por promessas vazias do Egito. Jeremias advertiu-o repetidamente contra essa rebelião (cf. Jr 37–38), mas não foi ouvido. O resultado foi catastrófico: em 587 a.C., a Babilônia destruiu totalmente Jerusalém, saqueou e queimou o Templo (2Rs 25,8-10). Sedecias foi capturado, assistiu à execução de seus filhos, teve os olhos cegados e foi levado acorrentado para a Babilônia (cf. 2Rs 25,18-21). A elite restante e a população urbana foram deportadas em duas ondas. Assim terminou o Reino de Judá, fechando a era da monarquia davídica e iniciando um período dramático da história bíblica: o exílio.

⇒ *“Um dos objetivos da prática assíria de deportação consistira em fazer com que os deportados, na medida do possível, fossem absorvidos pela população nativa. Isso não aconteceu na Babilônia – pelo menos não num primeiro momento. Os babilônios parecem nem ter querido isso, senão dificilmente teriam instalado colônias coesas de exilados; pois nessas colônias a consciência nacionalista permaneceu viva e aí ardia a chama da esperança de regresso à pátria. Com exceção de indivíduos isolados que migraram para o ambiente babilônico, os exilados permaneceram juntos. Para eles a Babilônia era um país estranho e impuro (Ez 4,13): um país no qual não era possível se sentir em casa e no qual o legítimo culto a Javé não era viável. Este, desde a reforma josiânica, era permitido exclusivamente em Jerusalém. Neste aspecto a destruição do templo salomônico e a perda da arca nada haviam mudado, pois a eleição e a santidade do lugar não dependiam do prédio nem do objeto de*

culto. Assim, os exilados viviam da lembrança de Jerusalém, e a saudade da velha pátria, que na segunda geração certamente começou a esfriar, ligou-se com a ideia do culto jerosolimita a Javé e foi mantida viva desse modo (Sl 137)."

Donner, História de Israel, Vol. 2, 437

2. OS REIS DO REINO DO SUL

Roboão (cf. 1Rs 14,21-31; 2Cr 9,31-12,26). Foi o responsável direto pela divisão do reino. Sua arrogância e dureza ao responder às tribos do Norte provocaram o cisma de 1Rs 12. Reinou dezessete anos e governou de modo instável, caiu na idolatria e perdeu grande parte do tesouro do Templo para o Egito. O Livro dos Reis diz que "houve guerra entre Roboão e Jeroboão o tempo todo" (1Rs 14,30). Dele se diz que "quando consolidou seu reinado e se sentiu forte, abandonou a lei do Senhor e todo Israel com ele" (2Cr 2,1) e "ele fez o que é mau e não se preocupou em buscar o Senhor" (2Cr 2,14).

Abiam/Abias (cf. 1Rs 15,1-8; 2Cr 13,1-22). Sucedeu a Roboão e guerreou contra Israel, mantendo viva a rivalidade entre os reinos. Seu reinado foi breve (três anos) e pouco estruturado. "ele imitou todos os pecados que seu pai cometera antes dele e seu coração não era íntegro para com o Senhor como o fora de seu pai Davi" (1Rs 15,3).

Asa (cf. 1Rs 15,9-24; 2Cr 14,1-16,14). Foi um dos primeiros grandes reformadores de Judá. Eliminou ídolos, destruiu lugares altos e reafirmou a fé javista. Enfrentou guerras, mas preservou a fidelidade religiosa: "fez o que era reto aos olhos do Senhor" (2Cr 14,1) e seu coração "foi íntegro para com o Senhor durante toda a sua vida" (1Rs 15,11.14).

Josafá (cf. 1Re 22,41-50; 2Cr 17,1-21,1). Durante os vinte e cinco anos do seu reinado, militarizou o território, ampliou fortalezas, construiu cidades-armazéns, renovou a administração, estabeleceu juízes sobre o povo, e continuou as reformas do pai. Seu grande erro foi a aliança com Acab (cf. 2Cr 18,1), censurada pelo profeta Jeú (cf. 2Cr 19,1-3), casando-se com sua filha Atalia (cf. 2Rs 8,16-18) que trouxe influência fenícia e mais tarde tentou usurpar o trono de Judá (cf. 2Rs 11). Apesar disso, "ele fez o que era reto aos olhos do Senhor"

(1Rs 22,40; 2Cr 20,32) e “buscou o Deus de seu pai e andou de acordo com seus mandamentos, não imitando a prática de Israel” (2Cr 17,4). Apesar disso, “os lugares altos não desapareceram, nem o povo aderiu de todo coração ao Deus de seus pais” (2Cr 20,34; 1Rs 22,44)

Jorão (cf. 2Re 8,16-24; 2Cr 21,1-20). Reinou oito anos. Casou-se com Atalia, filha de Acab, trazendo o baalismo para dentro de Jerusalém. Assassinou seus irmãos por medo de oposição (cf. 2Cr 21,4) e, admoestado pelo profeta Elias, caiu em uma desgraça terrível, ele e o seu povo (cf. 2Cr 21,11) e, por fim, morreu de doença intestinal (cf. 2Cr 21,12.18) e “se foi sem deixar saudades” (cf. 2Cr 21,20). “Fez o que é mau aos olhos do Senhor” (2Rs 8,18; 2Cr 21,6).

Ocozias (cf. 2Rs 8,25-29; 2Cr 22,1-9). Reinou aproximadamente um ano e seguiu as práticas idólatras de sua mãe Atalia. Foi morto por Jeú, que exterminou a casa de Acab (2Cr 22,9). “Seguiu os caminhos da casa de Acab e fez o que é mau aos olhos do Senhor” (2Rs 8,18; 2Cr 22,4)

Atalia (cf. 2Rs 11,1-21; 2Cr 22,10-23,21). Mãe e avó sanguinária, executou um golpe sangrento, matando toda a linhagem real, exceto o menino Joás, seu neto, filho de Ocozias que fora protegido por Josaba/Josabet e “viveu escondido na Casa do Senhor durante seis anos, enquanto Atalia reinava” (2Rs 11,3; 2Cr 22,12). Reinou seis anos, introduzindo forte paganismo.

Joás (cf. 2Rs 12; 2Cr 23-24). Começou como rei virtuoso, sob direção do sacerdote Joiada (cf. 2Rs 12,3; 2Cr 24,2) mas, após a morte de Joiada, apostatou (cf. 2Cr 24,17-19) e acabou assassinado. Reinou quarenta anos e restaurou o Templo (cf. 2Rs 12,5-17; 2Cr 24,4-14).

Amasias (cf. 2Rs 14; 2Cr 25,1-28). Nos vinte e nove anos que reinou, vingou a morte do pai (cf. 2Rs 14,5), combateu e venceu Edom e foi derrotado por Joás, rei de Israel, em Bet-Sames. No auge do sucesso, apostatou (cf. 2Cr 25,14-16). Foi morto por conspiração (cf. 2Rs 14,19; 2Cr 25,27). “Ele fez o que é reto aos olhos do Senhor, embora não de coração inteiro” (2Cr 25,2).

Ozias/Azarias (cf. 2Rs 15,1-7; 2Cr 26,1-23). Foi excelente administrador e reinou cinquenta e dois anos. Expandiu fronteiras, fortaleceu Jerusalém, promoveu agricultura e incrementou o exército. “Mas como ganhasse força, seu coração se exaltava, para sua perdição, Foi infiel ao Senhor seu Deus” (2Cr 26,16) e, quando quis entrar

indevidamente no Templo, ficou leproso até a morte, vivendo afastado do povo (cf. 2Rs 15,5; 2Cr 26,21). A Bíblia diz que “ele fez o que é reto aos olhos do Senhor [...] contudo, não destruiu os lugares altos onde o povo continuava a sacrificar e queimar incenso” (2Rs 15,3; 2Cr 26,4).

Joatão (Cf. 2Rs 15,32-38; 2Cr 27,1-9). Governou com prudência e justiça por dezesseis anos, mantendo as reformas do pai. Reinou com relativa paz. “Fez o que é reto aos olhos do Senhor [...] contudo, não destruiu os lugares altos onde o povo continuava a sacrificar e queimar incenso” (2Rs 15,34-35; 2Cr 27,2).

Acaz (cf. 2Rs 16; 2Cr 28,1-27). Reinou dezesseis anos e caiu profundamente na idolatria, fazendo imagens de Baal (cf. 2Cr 28,2), sacrificando seu filho no fogo segundo as religiões idolátricas (cf. 2Rs 16,3-4) e profanando o Templo ao instalar um novo altar (cf. 2Rs 16,10-14). Para escapar da coalizão siro-efraimita, entregou Judá à Assíria (cf. 2Rs 16,7-9; 2Cr 28,16-21). Sua política trouxe consequências graves.

Ezequias (cf. 2Rs 18-20,21; 2Cr 29,1-32,33). Foi um dos maiores reis. Restaurou o Templo (2Cr 29,3-5) e reorganizou o culto (cf. 2Cr 31; 2Rs 18,3-5). Reinou vinte e nove anos e construiu grandes depósitos para guardar as safras, acumulou tesouros e rebanhos. Resistiu ao cerco assírio e viu Jerusalém ser poupada milagrosamente (2Rs 19; 2Cr 32,1-23). “Ele fez tudo o que é reto aos olhos do Senhor” (2Rs 18,3; 2Cr 29,2).

Manassés (cf. 2Rs 21; 2Cr 33,1-20). Durante o seu longo reinado, cinquenta e cinco anos, foi o pior dos idólatras: restaurou lugares altos e ergueu altares pagãos no Templo (cf. 2Rs 21,3-5.7; 2Cr 33,3-5.7), praticou sacrifícios de crianças (cf. 2Rs 21,6; 2Cr 33,6) e promoveu práticas abomináveis, derramando muito sangue inocente (cf. 2Rs 21,16) e seduzindo o povo “para agir pior do que as nações que o Senhor havia destruído de diante dos israelitas” (2Cr 33,9). Seu longo reinado destruiu a reforma religiosa de seu pai Ezequias. Foi deportado para a Babilônia, se arrependeu e retornou transformado (cf. 2Cr 33,11-13). Restaurou a cidade santa, eliminou os altares pagãos que tinha mandado colocar no Templo e restaurou o culto (cf. 2Cr 33,14-16), mas os efeitos de sua idolatria perduraram (cf. 2Rs 23,26; 24,3). “Ele fez o que é mau aos olhos do Senhor, imitando as abominações das nações que o Senhor havia expulsado” (2Rs 21,2; 2Cr 33,2).

Amom (cf. 2Rs 21,19-26; 2Cr 33, 20-25). Reinou somente por dois anos. Manteve a idolatria sem arrependimento (cf. 2Rs 21,21-22; 2Cr 33,22-23). Seu reinado curto terminou em assassinato. “Ele fez o que é mau aos olhos do Senhor, assim como o havia feito seu pai, Manassés” (2Rs 21,20; 2Cr 33,22).

Josias (cf. 2Rs 22,1-23,30; 2Cr 34,1-35,27). É considerado, em geral, como o mais piedoso dos reis, durante os trinta e um anos do seu reinado: “Não houve antes um rei semelhante a ele, que se voltasse para o Senhor de todo o seu coração, de toda a sua alma e de toda a sua força, em plano acordo com a Lei de Moisés. E não surgiu outro depois dele” (2Rs 23,25). Foi proclamado rei com apenas oito anos de idade. Encomendou a reforma do Templo e, durante as obras, foi encontrado o “Livro da Lei” (cf. 2Rs 22,8-10; 2Cr 34,14-19). Tocado por sua leitura e vendo que a Lei não estava sendo mais observada, após oráculo da Profetiza Hulda (cf. 1Rs 22,14-20; 2Cr 34,21-28), empreende uma profunda reforma e purificação religiosa em Jerusalém e todo o Reino de Judá e em alguns lugares do Reino do Norte (cf. 2Rs 33,15-20; 2Cr 34,6), restaurou o culto e celebrou uma Páscoa memorável (cf. 2Rs 33,21-23; 2Cr 35,1-19). Morreu jovem em Megido, enfrentando o faraó Necao, que subia para guerrear contra os assírios (cf. 2Rs 23,29; 2Cr 35,20-24). “Ele fez o que é reto aos olhos do Senhor, seguindo todos os caminhos de seu pai Davi, sem se desviar nem para a direita nem para a esquerda” (2Rs 22,2; 2Cr 34,2).

Joacaz (cf. 2Rs 23,30-34; 2Cr 36,1-4, Jr 22,11). Reinou apenas três meses. O rei Necao tirou-o do trono e o deportou para o Egito, onde acabou morrendo (cf. 2Rs 23,33-34; 2Cr 36,3).

Joaquim (cf. 2Rs 23,35-24,7; 2Cr 36,5-8). Seu nome era Eliacim, quando seu irmão, rei Joacaz, foi levado para o Egito, o rei egípcio Necao o constituiu rei de Judá e Jerusalém e mudou seu nome para Joaquim (cf. 2Rs 23,34; 2Cr 36,4). Reinou por onze anos e foi rei vassalo do Egito (cf. 2Rs 23,35) e depois da Babilônia (cf. 2Rs 24,1). Sua rebelião contra Nabucodonosor provocou o primeiro cerco contra Jerusalém (cf. 2Rs 24,1), sendo levado acorrentado para a Babilônia (cf. 2Cr 36,6). “Fez o que é mau aos olhos do Senhor, imitando tudo o que tinham feito seus pais” (2Rs 23,37; 2Cr 36,5).

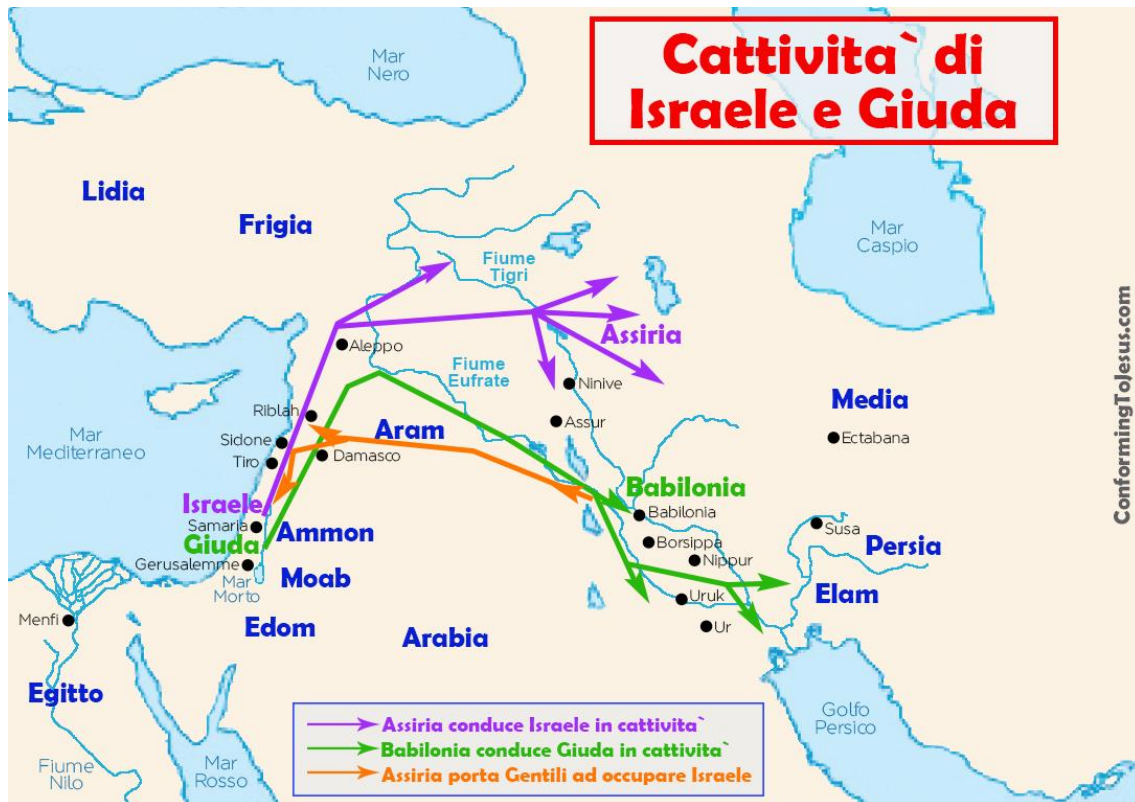
Joiaquin/Jeconias (cf. 2Rs 24,8-17; 2Cr 36,9-10). Reinou três meses durante o cerco babilônico. Foi deportado para a babilônia com a elite (cf. 2Rs 24,12.15; 2Cr 36,10) e mais tarde, quando começou um novo governo babilônês, foi libertado e tratado com benevolência até o fim da sua vida (cf. 2Rs 25,27-30). “Fez o que é mau aos olhos do Senhor, imitando tudo o que seu pai tinha feito” (2Rs 24,9; 2Cr 36,9).

Sedecias (cf. 2Rs 24,18–25,7; 2Cr 36, 11-21). Último rei de Judá. Era tio do rei Joiaquin e seu nome era Matanias. Quando o rei, seu sobrinho, foi deportado para a babilônia Nabucodonosor o fez rei e mudou-lhe o nome para Sedecias (cf. 2Rs 24,17). Reinou onde anos e rebelou-se contra a Babilônia apesar dos avisos de Jeremias (cf. 2Cr 36,12.15-16). Sua rebelião resultou na destruição total de Jerusalém e do Templo em 587 a.C. Foi aprisionado e obrigado a assistir a morte dos seus filhos, tendo, por fim, os olhos vazados; foi preso com uma corrente de bronze e levado aprisionado para a Babilônia (2Rs 25,6-7). “Ele fez o que é mau aos olhos do Senhor, imitando tudo o que Joiaquin fizera” (cf. 2Rs 24,19; 2Cr 36,12).

Prof. Dr. Pe. Marcelo Cervi

ANEXO 1:

MAPA DAS DEPORTAÇÕES – Reino do Sul



ANEXO 2:

QUADRO VISUAL DOS REIS DE JUDÁ

REI	PERÍODO a.C.	CITAÇÕES
Roboão	931-914	1Rs 14,21-31; 2Cr 9,31-12,26
Abiam/Abias	913-911	1Rs 15,1-8; 2Cr 13,1-22
Asa	911-870	1Rs 15,9-24; 2Cr 14,1-16,14
Josafá	870-848	1Re 22,41-50; 2Cr 17,1-21,1
Jorão	848-841	2Re 8,16-24; 2Cr 21,1-20
Ocozias	841	2Rs 8,25-29; 2Cr 22,1-9
Atalia	841-835	2Rs 11,1-21; 2Cr 22,10-23,21
Joás	835-796	2Rs 12; 2Cr 23-24
Amasias	796-781	2Rs 14; 2Cr 25,1-28
Ozias/Azarias	781-740	15,1-7; 2Cr 26,1-23
Joatão	739-734	2Rs 15,32-38; 2Cr 27,1-9
Acaz	734-727	2Rs 16; 2Cr 28,1-27
Ezequias	727-698	2Rs 18-20,21; 2Cr 29,1-32,33
Manassés	698-643	2Rs 21; 2Cr 33,1-20
Amon	643-640	2Rs 21,19-26; 2Cr 33, 20-25
Josias	640-609	2Rs 22,1-23,30; 2Cr 34,1-35,27
Joacaz	609	2Rs 23,30-34; 2Cr 36,1-4, Jr 22,11
Joaquim	609-598	2Rs 23,35-24,7; 2Cr 36,5-8
Joaquin/Jeconias	598-597	2Rs 24,8-17; 2Cr 36,9-10
Sedecias	597-586	2Rs 24,18-25,7; 2Cr 36,11-21

Obs.: Para os nomes dos reis e sua datação, seguimos a lista oferecida pela “Bíblia Sagrada, tradução oficial da CNBB”, 6ª ed., cf. a tabela que se encontra na introdução aos livros 1-2Sm e 1-2Rs.

BIBLIOGRAFIA:

- Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada. Tradução oficial da CNBB*, 6ª ed. (2024), Brasília, CNBB, 2025.
- Bíblia Sagrada Ave Maria. Edição de Estudos*, 3ª ed., São Paulo, Ave Maria, 2012.
- Bíblia. Palavra viva*, São Paulo, Paulus, 2022.
- A Bíblia*, São Paulo, Paulinas, 2023.
- Bíblia do Peregrino*, São Paulo, Paulus, 2002.
- Bíblia. Tradução ecumênica*, São Paulo, Loyola, 1994.
- Nova Vulgata. Biblorum sacrorum editio*, Editio typica altera, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1998.
- AAVV, *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, São Paulo, Loyola – Paulinas – Paulus – Academia Cristã, 2013.
- AAVV, *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia*. Vol. 5: 1-2 Reyes – 1-2 Crônicas – Esdras – Nehemias. Madrid, Ciudad Nueva, 2015.
- DONNER, H., *História de Israel e dos povos vizinhos*. v.1: Dos primórdios até a formação do Estado. São Leopoldo, Sinodal, 1997.
- GIL, J. – DOMÍNGUEZ, J., *Pórtico da Bíblia. Recursos didáticos para compreender a Bíblia: cronologias, mapas e gráficos de cada livro*, Jerusalém, Saxum, 2024.
- HARRINGTON, W., *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*, 7ª ed., São Paulo, Paulus, 2004.
- KONINGS, J., *A Bíblia, sua origem e sua leitura. Introdução ao estudo da Bíblia*, 8ª reimp., Petrópolis, Vozes, 2024.
- LIVERANI, M., *Para Além da Bíblia: História antiga de Israel*, São Paulo, Paulus - Loyola, 2008.
- MEDEIROS, J.M., *Panorama da História da Bíblia*, 8ª ed., São Paulo, Paulus, 2003.
- REINKE, A.D., *Aqueles da Bíblia: história, fé e cultura do povo bíblico de Israel e sua atuação no plano divino*, Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2021.
- SICRE DÍAZ, J.L., *Introdução ao Antigo Testamento*, 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 2024.
- VAUX, R., *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, São Paulo, Teológica, 2003.
- VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento*. Vol.1, 2ª ed., Trad. Francisco Catão, São Paulo, Aste-Targumin, 2006.